

IMPRESSÕES RELIGIOSAS¹

Amanda Larissa Rodrigues SOUSA²

Adriano Freitas da SILVA³

Igor José Siquieri SAVENHAGO⁴

Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP

RESUMO

A proposta deste *paper* é apresentar uma grande reportagem, formatada nas páginas de um jornal impresso, sobre a prática de várias religiões na região de Ribeirão Preto, interior paulista. A reportagem começou a ser produzida em setembro de 2013, na disciplina Jornalismo Impresso II, e foi concluída em novembro do mesmo ano. Diferente de outros trabalhos jornalísticos sobre religiões, este buscou tratá-las a partir da inserção, nos textos, do olhar e da vivência dos estudantes, que frequentaram os locais de oração e contaram as experiências, em diversas situações, em primeira pessoa, como se eles fossem um dos fieis. Uma maneira de reportar que foge aos padrões tradicionais da imprensa brasileira, baseados fortemente nos pilares da objetividade, imparcialidade e neutralidade, o que convida o leitor a pensar que uma cobertura jornalística não deixa de ser uma construção subjetiva.

Palavras-chave: religião; reportagem; jornalismo impresso; cobertura; Ribeirão Preto.

1 INTRODUÇÃO

Para buscar entender porque a religião faz parte da vida das pessoas, lembremos de um grande filósofo grego. Para Sócrates, os cultos religiosos deveriam fazer parte da vida de todas as pessoas, já que eram expressão do princípio divino, que, por sua vez, poderia

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso.

² Aluna líder e estudante do 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: amandalrsousa@gmail.com

³ Estudante 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: adrianofreitas_af@yahoo.com.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e-mail: tatigor.sav@gmail.com

trazer aos homens o supremo bem: a virtude. A religião, para Sócrates, era a Filosofia. E o Deus que ele buscava era a inteligência, pela qual seria possível conhecer e ordenar todas as coisas.

A partir disso, permite-se extrair que, desde o início do pensamento ocidental, a religião é encarada como um ponto de apoio, uma válvula de escape, uma maneira que as pessoas buscam de tentar entender o mundo e seus fenômenos. Por isso, muitos seguem alguma religião – ou nenhuma, o que não deixa de ser uma busca de resposta, uma crença que procure explicar algo que parece inexplicável por outras vias do conhecimento humano, como o científico.

A palavra religião vem do latim: religio, formada pelo prefixo re (outra vez, de novo) e o verbo ligare (ligar, unir, vincular). A religião é um vínculo. Quais as partes vinculadas? O mundo profano e o mundo sagrado, isto é, a Natureza (água, fogo, ar, animais, plantas, astros, metais, terra, humanos) e as divindades que habitam a Natureza ou um lugar separado da Natureza. (CHAUI; MARILENA, 1995).

Para Chauí (1995), a religião faz parte da vida dos seres humanos quase que de forma natural. Eles possuem alguma crença, mesmo que seja a de acreditar que não existam divindades. Em síntese, buscam o que possa representar uma ligação com o divino, com o que os “salve” dos pecados do mundo profano. No entanto, cada um tem a sua forma de encarar essa ligação, escolhendo religiões diferentes para seguir, pelos mais diversos motivos: pode ser, simplesmente, porque uma crença agrada mais ou faça o frequentador se sentir bem, física e mentalmente. O Brasil, enquanto estado laico, traz, na Constituição Federal de 1988, a garantia da liberdade de escolha e de expressão religiosas. E sem que, por isso, sejam vítimas de opressão, humilhações ou preconceitos.

I - DA LIBERDADE DE RELIGIÃO

A Constituição Federal consagra como direito fundamental a liberdade de religião, prescrevendo que o Brasil é um país laico. Com essa afirmação queremos dizer que, consoante a vigente Constituição Federal, o Estado deve se preocupar em proporcionar a seus cidadãos um clima de perfeita compreensão religiosa, proscrevendo a intolerância e o fanatismo. Deve existir uma divisão muito acentuada entre o Estado e a Igreja (religiões em geral), não podendo existir nenhuma religião oficial, devendo, porém, o Estado prestar proteção e garantia ao livre exercício de todas as religiões. (SCHERKERKEWITZ)⁵

⁵ Disponível em <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo5.htm>. Acesso em 17 de novembro de 2013.

Considerando esses aspectos, uma cobertura sobre religiões, executada por meio de uma grande reportagem impressa, que esclarecesse dúvidas, em vez de favorecer a divulgação de alguma em específico, e que contribuísse para promover uma reflexão sobre comportamentos discriminatórios, inclusive por parte dos próprios estudantes-repórteres, era uma publicação necessária na visão de um grupo de oito alunos do Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, SP, composto por Amanda Sousa, Adriano Freitas, Caroline Badin, Felipe Teruel, Herena Oliveira, Isabella Grocelli, Jaqueline Terra e Luan Amaral, que, no segundo semestre de 2013, frequentavam o quarto período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

2 OBJETIVOS

O objetivo, a partir do contexto apresentado, foi debater o tema das religiões utilizando-se de uma grande reportagem, formatada nas páginas de um jornal impresso, o que favoreceria uma discussão diversificada, menos maçante e que trouxesse inovação e experimentalismo, em vez do mais do mesmo.

Também pretendíamos mostrar, com base nos relatos de cada estudante-repórter, a maioria em primeira pessoa, que uma cobertura jornalística se caracteriza por impressões pessoais, subjetivas, mas que, apesar disso, não pode abandonar o rigor da apuração, da checagem de informações, e o equilíbrio na escrita, tendo em vista que os repórteres, geralmente, são vistos pelos leitores e espectadores como profissionais confiáveis e exemplos de vida. Dessa forma, entendemos que contar em primeira pessoa, nesse caso, pode ser uma estratégia para enriquecer os textos e aproximá-los do repertório do leitor.

3 JUSTIFICATIVA

Diante do exposto, entre as justificativas possíveis, algumas podem ser destacadas. São elas:

1 – Não existia, na região de Ribeirão Preto, uma publicação que abordasse, da forma como foi feito neste trabalho, várias das religiões praticadas. Nas aulas de Jornalismo Impresso II, nós, estudantes, discutimos bastante nas reuniões de pauta, a partir das problemáticas levantadas pelo professor, esta proposta e julgamos que faltava um tratamento com esse cunho inovador, que tratasse o tema e escrevesse sobre ele de um jeito diferente, que incrementasse ou complementasse as exigências dos tradicionais manuais de

redação, que ainda se mostram resistentes à inserção da figura e das impressões do repórter nos textos.

2 – A existência de muitos preconceitos relacionados às religiões nos levaram a crer que uma publicação como esta poderia ajudar o leitor a desmistificar crenças – aqui tomadas tanto no sentido de prática religiosa como no de representação, conceito ou ideia –, através das vivências e experiências dos estudantes-repórteres, possibilitando, dessa forma, que possíveis atos discriminatórios, de isolamento, segregação, fossem mais discutidos e, (por que não?), reduzidos. Conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos, “A discriminação entre seres humanos por motivos de religião ou crença constitui uma ofensa à dignidade humana e deve ser condenada como uma violação dos Direitos Humanos e das liberdades fundamentais.”

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A ideia da cobertura sobre religiões na região de Ribeirão Preto surgiu nas aulas de Jornalismo Impresso II, disciplina ministrada pelo professor Igor José Siquieri Savenhago, orientador deste trabalho, no segundo semestre de 2013. Na atividade proposta em sala, a turma, composta por 24 estudante, foi dividida em três grupos, com oito cada. Cada grupo deveria criar uma mídia impressa com uma proposta inédita em relação aos veículos existentes na imprensa regional. Durante as reuniões do nosso grupo, houve a sugestão de desenvolver uma grande reportagem, dividida em subtemas, sobre as diversas práticas religiosas espalhadas por alguns dos municípios da região. Mas não deveria ser algo que trouxesse apenas aspectos históricos e sociais da atuação de cada uma, como um manual, mas, sim, que contivesse uma abordagem visando “transportar” o leitor, enquanto estivesse em contato com os textos, ao local das orações. Isso seria mais crível se os estudantes-repórteres contassem as experiências a partir de seus próprios pontos de vista, fazendo com que o leitor imaginasse as cenas caso fosse ele o frequentador, colocando-se no lugar dos repórteres.

Após discutirmos como seriam feitos os relatos, também durante reuniões de pauta, definimos quais seriam as religiões (subtemas) abordadas, com a condição de que cada estudante-repórter escrevesse sobre uma religião diferente da que acredita ou da que segue, viabilizando que o processo de produção passasse pelo encontro com o desconhecido e pela desmistificação das crenças, já que, para abordá-la, os estudantes teriam de se despir, ao

máximo, dos preconceitos que eles mesmos sustentavam. Todos os relatos, juntos, constituiriam uma grande reportagem sobre religiões na região de Ribeirão Preto, caracterizada por diversas vertentes e formatada nas páginas de um jornal impresso *berliner*. A cobertura seria complementada com opiniões de dois professores do Centro Universitário Barão de Mauá, os sociólogos Silas Nogueira e Wlaumir Souza, que, com seus textos, colaborariam para garantir o ecletismo da proposta e a multiplicidade de visões sobre o tema em questão, e com uma entrevista pingue-pongue, com um padre/teólogo.

Foram definidas, também, quais seriam as perguntas feitas durante a abordagem às religiões. Algumas das perguntas foram consideradas “padrões”, repetidas em todas as pautas, objetivando que o repórter pudesse entender um pouco mais sobre cada tipo de prática pautada. Um requisito foi considerado de suma importância: a vivência. Cada estudante-repórter deveria estar presente, obrigatoriamente, em um culto, reunião, passe ou como quer que se chame a celebração realizada pelos adeptos da religião escolhida.

Em seguida, teve início a busca dos contatos dos responsáveis por cada religião, com quem foram marcadas datas para as visitas, realizadas todas num intervalo de tempo de vinte dias. Concluída essa etapa, os textos começaram a ser produzidos e, pelo menos uma vez por semana, o grupo de estudantes se reunia para verificar o andamento do trabalho e fazer ajustes. Em seguida, os textos foram editados, na companhia do professor orientador, Igor José Siquieri Savenhago, por duas alunas do grupo, que haviam assumido previamente essa função: Herena Oliveira e Isabella Grocelli,

Com a definição dos tamanhos dos relatos e de quais seriam as fotos correspondentes a cada um deles, foi iniciado o rascunho do projeto gráfico, para que a diagramação pudesse ser realizada. Ele foi entregue ao diagramador Jefferson Ricardo Orlandi, que, juntamente com o professor orientador, auxiliou no acerto de detalhes finais, considerando que a estética visual também seria condizente com os aspectos do tema escolhido.

Para a escrita dos textos, optamos por utilizar o gênero “Perfil”, que prioriza a descrição de locais e personagens. Em “A Prática da Reportagem”, Kotscho (2004) classifica o Perfil como “o filão mais rico das matérias chamadas humanas” (2004, p. 42).

O perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade. Para isso, é necessário que ele se municie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem. (KOTSCHO, 2004, p. 42).

Seguindo a recomendação do mesmo autor, os estudantes-repórteres fizeram levantamentos prévios, com as próprias fontes, no ato da marcação das visitas, ou em páginas especializadas em cada religião na internet, sobre os costumes de cada prática. Ainda sobre o Perfil, Kostcho (2004) argumenta sobre qual deve ser a postura do repórter:

O repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria. (KOTSCHO, 2004, p. 42).

Mas por que a escolha da grande reportagem? Segundo Martins (2010)⁶, que, no texto “Lição para uma reportagem”, comenta uma palestra de José Hamilton Ribeiro, considerado um dos maiores repórteres brasileiros de todos os tempos, este gênero valoriza a pesquisa e o talento da escrita do texto. Por isso, deve ser cada vez mais estimulado na imprensa. Diz Martins que, na ocasião da palestra, proferida em 2010 a estudantes da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), que Ribeiro criticou a forma como se faz jornalismo atualmente. “O fluxo incessante e rápido na produção da notícia torna precária a atividade jornalística e, portanto, a perda de credibilidade, pois os fatos não são relatados como são, mas, muitas vezes, sob a ótica do editor ou do proprietário da empresa jornalística”. (MARTINS, 2010)

Já o talento, que, conforme Martins (2010), não é inato para Ribeiro, mas deve ser construído, não está apenas na escrita. Ocupa-se de uma série de fatores, como a capacidade para o aprendizado, o uso da técnica, a astúcia em captar informações pela observação e, finalmente, o trabalho metódico de pesquisa.

Talento quer dizer simplicidade e humildade para buscar conhecimento. Com um gosto todo especial e um talento para contar “causos”, Ribeiro costuma ditar conceitos que ele considera de um humor refinado para que se possa ler nas entrelinhas e compreender sua trajetória. Numa pergunta, rotineira, sobre como ser um bom repórter ou ter uma boa reportagem, José Hamilton responde: “Responderei com uma receita de bolo: vaidade, ambição profissional e espírito de aventura. Aliado a isso, somam-se outros dois ingredientes. A necessidade que o repórter tem de estar onde os fatos acontecem, sendo testemunha ocular da história, e a oportunidade de denunciar a injustiça social e o abuso do poder”.

⁶ Disponível em <http://www.gersonmartins.jor.br/artigo-jornal/licao-para-uma-reportagem-709>. Acesso em 17 de novembro de 2013.

Partindo desse argumento, pode-se dizer que cada profissional de imprensa determina suas formas de uso do talento, que, portanto, é único. E, se é único e depende da subjetividade, torna-se um questionador de pilares que, durante séculos, nortearam o fazer jornalístico: objetividade, neutralidade e imparcialidade. Na simples escolha de um tema, das palavras a serem usadas, do início e do final de um texto, o repórter se posiciona, dá pista dos lados que defende ou recrimina.

Essa inserção do jornalista – e também do pesquisador – como constituidor do objeto de pesquisa foi legitimada por escolas acadêmicas com mais intensidade na década de 1960, como a Nova História, movimento que havia surgido na França quatro décadas antes, com a Escola dos Annales, e que se propôs a dar voz às minorias sociais, culturas pouco investigadas até então. Em suma, abrir espaço a histórias dos vencidos, e não apenas dos vencedores, contribuindo para oferecer novas formas de observar o mundo e rediscutir conceitos que haviam sido cristalizados historicamente. Questionar, com rigor, modelos jornalísticos que desprezavam a pluralidade de olhares – como aqueles que davam a ideia de que se podia distanciar dos fatos observados, de que o que é externo se impõe ao observador e não o contrário –, além de propor um novo paradigma estavam entre as missões do movimento.

Da minha perspectiva, a mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. (BURKE, 1992, p. 89)

Nesse contexto, a construção desta grande reportagem a várias mãos, com a participação de oito estudantes, teve o intuito justamente de incentivar a pluralidade de olhares, visões e opiniões, fundamental para a diluição de preconceitos e para que se possa compreender que a atividade jornalística é uma construção sócio-histórica baseada não nas características do objeto, mas nas de quem olha para ele.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O Jornal Impressões Religiosas, nascido a partir da grande reportagem produzida sobre religiões na região de Ribeirão Preto, recebeu esse nome justamente por se tratar da

divulgação, em primeira pessoa, de pontos de vista dos repórteres, de *impressões* pessoais sobre as visitas feitas aos locais de oração. O nome foi escolhido numa reunião dos estudantes e aprovado pelo orientador do trabalho.

Como antecipado, o formato do jornal é o *berliner*, conhecido também no mercado de trabalho e por alguns estudiosos como germânico, com as páginas medindo 47 cm de altura por 31,5 cm de largura. Ele foi o escolhido por ser intermediário entre os formatos *standard* e tabloide, já que eram necessárias páginas em que coubessem textos um pouco alongados e, ao mesmo tempo, facilitassem seu manuseio. A edição foi fechada com 16 páginas.

Foram escolhidas sete religiões para serem abordadas na grande reportagem: Bola de Neve, Espiritismo, Testemunhas de Jeová, Candomblé, Umbanda, Budismo e Catedral do Avivamento, igreja evangélica pertencente ao Pastor Marcos Feliciano. Além dessas práticas, o grupo também achou conveniente uma abordagem sobre ateus e agnósticos, que não seguem nenhuma religião e serviram como contraponto.

O conteúdo, além dos relatos sobre cada uma dessas práticas, traz uma entrevista pingue-pongue com um padre católico, que também atua como teólogo, e dois artigos de sociólogos, para que seja possível, nesse caso, um diálogo com bases científicas sobre o tema, mantendo a proposta da diversidade na discussão e aproximando dois tipos de saber (o religioso e o científico), que, por fatores sócio-históricos, são vistos como opostos, discordantes, anacrônicos, como mencionado na Introdução.

Decidimos, também, que, além de escrever os textos, os repórteres seriam os próprios fotógrafos, para que, amparados nas experiências vivenciadas, pudessem registrar os momentos que julgassem ser os mais pertinentes para cada contexto.

Na capa, optamos por uma foto em silhueta que pudesse ser reconhecida por várias religiões, já que a pose de mãos unidas é um gesto muito comum a várias delas. Não foi destacada nenhuma religião em especial para que não houvesse possíveis interpretações de favorecimentos a uma ou outra.

6 CONSIDERAÇÕES

Nestes meses em que o nosso grupo passou conhecendo novas religiões e destituindo preconceitos que a sociedade moldou, pelo discurso, nas mentes da população em um geral, foi possível perceber como crescemos em conhecimento e, também, como influenciemos as pessoas a nossa volta. Ao presenciar a união, o companheirismo, as ideias

e, acima de tudo, a fé, em diversos aspectos diferentes e concebida sobre os mais diversos olhares e crenças, o grupo notou, ainda, que o aspecto mais relevante às religiões é o amor que nós, humanos, sentimos e projetamos aos outros. Um amor que procuramos estender a este trabalho.

Nosso foco sempre foi contribuir para redução dos estigmas, mesmo de que de forma singela. E, conforme o desenvolvimento do trabalho, passamos a acreditar ainda mais na força dessa proposta. A troca de experiências, até dentro do nosso próprio grupo, facilitou saber mais sobre diferentes religiões, que, muitas vezes, possuem similaridades na abordagem de alguns temas.

Alguns preconceitos, admitimos, se fizeram presentes. Durante a distribuição das pautas, notou-se a relutância em visitar algumas religiões com uma fama de ruins, mas isso não nos impediu. Pelo contrário, nos uniu. A maioria das experiências, apesar de ter sido narrada por apenas uma pessoa, foi vivenciada por vários membros do grupo, que decidiram comparecer por pura curiosidade. O relato sobre a Umbanda foi um destes casos, em que houve, ainda, a possibilidade de um diálogo, nas páginas da publicação impressa, entre os dois estudantes-repórteres que visitaram o terreiro: Felipe Teruel e Caroline Badin.

Ao final, podemos afirmar que, em cada religião, existe uma profundidade de significados que quebra o apego às aparências. E que mantém viva a chama da missão de reportar: ir para bem além do que parece evidente.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. 2.ed. São Paulo: Unesp, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da Reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARTINS, Gerson Luiz. **Lição para uma reportagem**. 14/11/2010. Disponível em <http://www.gersonmartins.jor.br/artigo-jornal/licao-para-uma-reportagem-709>. Acesso em 17 de novembro de 2013.

SCHERKERKEWITZ, Iso Chaitz. **O direito de religião no Brasil**. São Paulo: Revista PGE, artigo 5. Disponível em <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo5.htm>. Acesso em 17 de novembro de 2013.